



UMA PAUSA NA LUTA

Entrevista com *Manoel Ricardo de Lima*

*Manoel Ricardo de Lima*¹

*Suzana Santos*²

Zema Ribeiro

RESUMO:

Entrevista com o poeta, professor, ensaísta e editor Manoel Ricardo de Lima, a propósito da publicação em 2020 da reunião de poemas *Uma pausa na luta*, e de seu último livro de poemas, *O método da exaustão*. A entrevista abre a reflexão para distintas questões acerca do poema, da poesia, do fazer literário (que é também político) hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Política; Literatura; Manoel Ricardo de Lima.

ABSTRACT:

Interview with the poet, professor, essayist and editor Manoel Ricardo de Lima, regarding the publication in 2020 of collection of poems *A pause in the struggle*, as well as of his latest book of poems, *The method of exhaustion*. The interview opens the reflection for different questions about the poem, the poetry, the literary doing (which is also political) today.

KEYWORDS: Poetry; Politics; Literature; Manoel Ricardo de Lima.

1 Manoel Ricardo de Lima (manoelricardodelima@gmail.com) é professor do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e da Escola de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Publicou, entre outros, *Geografia Aérea* (7Letras, 2014), *Jogo de Varetas* (7Letras, 2012), *As mãos* (7Letras, 2003/2012), *Maria quer o mundo* (Edições SM, 2015) e *O método da exaustão* (Garupa Edições, 2020).

2 Entrevista concedida a Suzana Santos e Zema Ribeiro, programa Radioletra, rádio Timbira AM, de São Luís do Maranhão, em 25 de julho de 2020.



Em julho de 2020, o poeta piauiense Manoel Ricardo de Lima reuniu 70 poetas no livro *Uma pausa na luta*. O livro foi inicialmente disponibilizado para download gratuito no site da Mórula Editorial, editora independente da cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente, em setembro do mesmo ano, foi lançada a versão impressa, então à venda no site da editora. Inquieto, ainda em 2020 Manoel lançou *O método da exaustão*, seu quarto livro de poemas, disponível para venda no site da Garupa Editora, editora carioca de atuação também independente.

Annita Costa Malufe, Ricardo Aleixo, André Dahmer, Fabiano Calixto, Maria Esther Maciel, Tiago E, Josoaldo Lima Rego e Celso Borges são alguns dos poetas que comparecem a essa mais recente reunião de poemas empenhada por Manoel, *Uma pausa na luta*.

Suzana Santos: Manoel, “descansar carregando pedra”, essa frase se aplica à feitura de *Uma pausa na luta*?

Manoel Ricardo de Lima: Fico pensando no mito de Sísifo. Alberto Camus escreveu um pequeno livro sobre o mito, e no último capítulo antes de um anexo sobre Kafka, ele fala um pouco do que sempre imaginei do mito: que Sísifo é feliz. Essa história de que empurrar a pedra e a pedra rolar montanha abaixo, colina abaixo, ladeira abaixo, produziria em Sísifo infelicidade me parece que não procede. Parar de rolar essa pedra infinitamente pode produzir uma infelicidade absurda. Então a pausa me parece ter a ver com essa dimensão do Sísifo, que só é possível no procedimento da reavaliação, quer dizer, parar não é uma paralisação; parar é uma reavaliação. É esse o sentido da ideia do Pasolini. Talvez, então, Zema e Susana, não tenha a ver com um descanso, mas com ser incansável, tornar-se incansável, propor-se incansável, imaginar-se incansável. Eu acho que essa é a primeira grande questão da pausa na luta.

Zema Ribeiro: Durante a pausa você e os poetas selecionados continuaram lutando: a poesia como arma. No Brasil de hoje, contra o que você mira seu trabalho, seja como poeta, seja como editor?

Manoel: Eu não sei mais se me sinto editor. Eu tive uma pequena editora caseira, a Editora da Casa, junto com o Carlos Henrique Schroeder e a Júlia Studart, em que fizemos alguns projetos, e fizemos também uma coleção de poemas. Tudo muito trabalhoso. E, depois, eu fui coordenador editorial da editora pública da Universidade Federal de Santa Catarina durante pouco mais de um ano, quando Sérgio Medeiros, poeta professor, era o diretor da editora e me convidou para assumir aquele lugar. A gente fez um trabalho incrível de recuperação da editora naquele momento. E daí que sempre gosto desse movimento, dessa articulação, dessa possibilidade de fazer livro. Eu gosto do livro, e tenho uma relação com o livro, com a perspectiva da biblioteca. Sinto falta dela, preciso respirá-la. Roberto Bolaño dizia que o escritor nunca tem uma dimensão de exílio nem de pátria, porque de certo modo ele habita a biblioteca, seja ela física, seja ela íntima, ou seja, de memória. Não imagino, a partir disso, o poema como arma, ainda mais quando a arma, neste momento no país, tem um sentido absurdamente violento. Talvez eu pense a ideia da arma como uma armadilha. E aí não tenho uma mira, um alvo. Nesse

sentido que o poema não é uma arma, mas uma arapuca. Eu fico pensando sempre que o poema observa a vida de outro modo: não no sentido de uma revelação ou de um lugar especificamente especial, para ser redundante, mas imagino que é possível observar numa tomada de posição que não está à venda, que não pode ser reproduzido dentro de uma perspectiva da linha de montagem. Assim, se há um sentido nesse artefato, é exatamente o de propor que a imaginação se coloque contra o imaginário, que por sua vez sempre é bélico. Portanto, nesse Brasil que você chama de “o Brasil de hoje”, o sentido é exatamente que o poema venha como uma dimensão da imaginação contra a proposição absoluta do imaginário fascista e bélico; que o poema seja espaçamento da liberdade, da ação livre, do gesto.

Suzana Santos: Qual o critério de seleção dos poetas e poemas contidos no volume?

Manoel: Não sei se teve uma ideia de critério: procedimento, digamos assim. Eu imaginei alguns amigos que eu gosto muito e que sempre convido, que convoco, de certo modo, a tudo aquilo que faço – obviamente com todo direito que eles e elas têm de me dizer “não”. Então são amigos e amigas, e quando penso num projeto, penso se esse projeto de certo modo pode ser tensionado por eles. Eu gosto muito de pensar projetos que reúnem pessoas, que juntam pessoas, que comungam e tensionam pessoas. E havia algumas outras pessoas que eu gostaria de chamar mesmo que eu não as conhecesse, pois imaginei que elas podiam contribuir de modo muito pertinente e interessante. Depois pedi ajuda a quatro amigos muito queridos: Tarso de Melo, Carlos Augusto Lima, Carolina Machado e Júlia Studart, minha companheira de vida, de tudo, e uma poeta incrível. Eles foram me sugerindo pessoas, e cada nome que eu também imaginava eu conversava com um ou com outro, com uma ou com outra, para a gente organizar isso. E aí eu tinha pensado a princípio em 50 pessoas, depois isso cresceu para 74, das quais 4 pessoas não quiseram, não puderam ou não estavam suficientemente dispostas a participar naquele momento. Então ficaram 70, que é um número ótimo, pois tem de tudo, é uma diversidade de cartografia, de território, e ao mesmo tempo tem gente de Portugal, da Argentina e tem poetas de muitos lugares do Brasil – o que é muito legal. Uma outra coisa que considero importante é que junto com esses poetas eu chamei quatro pessoas que pensam o poema com muita delicadeza: Davi Pessoa, Edson Souza, Flávia Cera e Laíse Ribas Bastos. Eles fizeram quatro posfácios mínimos para o livro. São posfácios lindos que reabrem cada poema e cada sentido de leitura a lugares que não foram pensados por mim ou pelo Vitor, por exemplo. Ter essas quatro possibilidades ali conversando junto com os poemas para mim é também muito forte no livro.

Suzana Santos: Há dois maranhenses em *Uma pausa na luta*, os poetas Celso Borges e Josoaldo Lima Rego, que também já haviam comparecido em *A nossos pés*, com poemas em homenagem a Ana Cristina César, organizado por você para a Editora 7letras. Gostaria que você comentasse um pouco sua relação com eles.

Manoel: Celso Borges e Josoaldo Lima Rego são pessoas que eu gosto muito. Antes de serem poetas que eu admiro muito, que eu respeito muito, são amigos por quem tenho uma

espécie de calibre de amor. Josoaldo é um poeta que tem uma respiração e uma efetividade política nessa respiração praticamente muito contida e que tem muito a ver com a dimensão silenciosa de seu próprio corpo para o externo, deve ser um corpo muito barulhento para dentro, mas é uma pessoa impressionante de uma força poética fora do comum. O Celso é um caso singular, que apareceu para mim e para o Carlos Augusto Lima (um amigo e poeta por quem também fico sem palavras) no livro chamado *Persona non grata*. É um livro de capa branca com “X” vermelho grafado nesse fundo branco. E eu me lembro que esse livro chegou para nós em cópia, e nós o adorávamos, e depois, não lembro exatamente como, nós ficamos amigos. Celso é um poeta fisicamente magro, mas tem uma força física de uma disposição oral nos poemas, e consegue construir imagens muito profícuas e impensadas nessa disposição. Penso que é muito importante que vocês tenham, por exemplo, em São Luís, dois poetas dessa dimensão tão singular, mas muito singular, de dicções tão díspares – entre uma respiração contida, a do Josoaldo; e uma respiração esticada e ofegante; que é a do Celso. Há outros poetas muito interessantes que estão circulando pelo país, mas eu acho que aí tem uma força ética, como no Celso e no Josoaldo, que a mim interessa muito. Há uma força de um *ethos* político também de tomada de posição. Tê-los tanto em *A nossos pés*, que são os poemas em torno da Ana Cristina César, quanto agora, em *Uma pausa na luta*, que é uma ideia que vem do Pasolini, propondo que essa pausa seja uma reavaliação a partir do Franco Fortini, poeta que Pasolini lia naquele momento, é muito importante. Quando eu penso esses projetos, eu penso se neles cabem exatamente esses amigos. Se você imaginar essas dicções, que são dicções do Maranhão, de alguém que, como Celso, viveu em São Paulo, e depois uma outra dicção do Maranhão, de alguém que também viveu em São Paulo, fora do país e por aí vai... Quando eu penso um projeto, imagino, portanto, se cabe essas pessoas e esses projetos políticos, de pensamento com o poema. Penso nas pessoas que vão estar ali, na construção dessa armadilha e no modo de fazer com que essas pessoas possam tensionar essas armadilhas. Entendi então que isso para mim é fundamental.

Suzana Santos: Além de *Uma pausa na luta* que você organizou para Mórula Editorial, você está publicando o livro *O método da exaustão* para a Editora Garupa. Você pode falar um pouco da obra?

Manoel: *O método da exaustão* é uma proposta que vem do Euclides, matemático grego. Eu escrevo muito pouco, eu tenho um trabalho que acontece muito devagar, porque sou um leitor e prefiro ganhar o meu tempo lendo do que escrevendo. E penso tal como um pensava Joaquim Cardozo, aprendi com ele, o engenheiro calculista, o poeta nascido em Pernambuco, no Recife, na várzea, que escrever não tem importância alguma. Eu venho do Piauí, nasci em Parnaíba, minha mãe vem de um bairro muito pobre chamado Tucuns. Então eu tenho muito a ver com esse lugar, com essa esferologia toda, com esse litoral digamos assim. Meus avós maternos são de Brejo, no Maranhão, meu avô era um índio Maipurá, e isso é fundamental também para minha formação. Eu sei as botinadas que tive que dar para sair dessa perspectiva faminta que

aparentemente estava aberta para mim, escapei muito cedo, aos 15 anos fui embora de Parnaíba para morar em Fortaleza, e terminei tendo um pouco de sorte para conseguir escapar disso. Talvez por isso eu goste muito de um poema do Josoaldo, chamado “Açúcar”, gosto muito de lê-lo quando me pedem para ler poemas.

Então *O método da exaustão* é um livro que aparece depois do meu último livro, *Geografia aérea*, de 2014, e aparece numa circunstância muito interessante, foi um livro que escrevi entre 2018 e 2019, tem um prefácio do João Barrento, crítico e tradutor português, sujeito impressionante, um erudito impressionante, de uma força impressionante no pensamento. Nós íamos lançar o livro em março de 2020, aí veio a pandemia, isolamento, enfim... suspendeu-se tudo. Agora a Juliana Travassos, que é a editora da Garupa Edições, propôs que a gente fizesse uma pré-venda e posterior lançamento do livro, para que assim ele tome sentido de existência. Eu gostei muito da ideia porque senão isso ia ser varrido pelos dias.

São 11 poemas muito longos e que se articulam como estruturas em série. Eu quis experimentar o poema longo para ver como é que isso funcionaria e me parece que deu certo. Ficou a contento para mim, achei que podia ficar interessante. *O método da exaustão* está à venda no site da Editora Garupa, outra dessas editoras incríveis, pequenas, livres - até prefiro chamá-las de livres do que de independentes, porque elas fazem o que podem fazer, mas fazem antes o que querem fazer. É meu último livro de poemas, um livro grande, que tem uma relação com a filosofia e com a matemática. Esse é um trabalho que eu gosto. Parece que pode ter a ver com a pandemia, mas não tem. Tem a ver com outro problema do qual a pandemia também é filha. Mas é um livro anterior a tudo isso, e me parece que como livro, tem uma proposição que pode se expandir um pouco para além do seu tempo.

Muito obrigado pela conversa, por um pouco de ar, de vento, de brisa, ainda mais para falar um pouco dessa proposição que vem do cineasta e poeta italiano Pasolini em torno de “uma pausa na luta”. O livro está à venda e também disponível em PDF gratuito no site da Mórula Editorial. São 70 poetas, 4 posfácios mínimos, um pequeno prefácio e uma disposição enorme, imensa, de delicadeza e gentileza em cada uma, em cada um desses e dessas poetas que toparam e confiaram na proposta de participar do livro.